



Murillo de Aragão

Advogado, mestre em ciência política e doutor em sociologia pela UnB, é professor adjunto da Columbia University e CEO da Arko Advice Pesquisas



Observações sicilianas sobre a política nacional

O siciliano Giuseppe Tomasi di Lampedusa, conhecido principalmente por seu romance *O leopardo* (*Il gattopardo*), era um homem de vasta cultura e erudição. Seu conhecimento profundo de literatura, história e artes é evidente em sua obra, refletindo um intelecto refinado e uma mente curiosa. Essa erudição, no entanto, não o tornava extrovertido. Ao contrário, Lampedusa, que nasceu em dezembro de 1896 e morreu em julho de 1957, aos 60 anos, era bastante introvertido e passava longos períodos sozinho, imerso em suas leituras e seus escritos. O isolamento era aspecto marcante de sua personalidade e esses temas permeiam tanto a sua vida quanto a sua produção literária.

Lampedusa também era nostálgico e melancólico, tendo uma forte ligação com o passado e grande apego às antigas glórias da aristocracia siciliana. Essa nostalgia se manifesta claramente em *O leopardo*, onde ele explora o declínio dos valores tradicionais frente às mudanças sociais e políticas de seu tempo. Sua perspicaz visão da sociedade e da natureza humana lhe permitiu tecer uma crítica sutil, mas contundente, das transformações ocorridas então, sempre buscando compreender as nuances das transições sociais.

Embora de posição social elevada, Lampedusa viveu de maneira relativamente discreta, não buscando a fama literária. O reconhecimento mundial só viria postumamente, com a publicação de seu principal romance. Sua dedicação à escrita era minuciosa e comprometida, e ele trabalhou incansavelmente em *O leopardo*, a fim de criar uma obra de alta qualidade que transparecesse sua visão do mundo. Esse empenho e o cuidado com os detalhes revelam a complexidade de sua personalidade e a importância de sua obra.

Lampedusa, autor, tinha ténues ligações com o Brasil, além da brevíssima comparação que fez em seu romance entre moçoilas da sociedade siciliana em um baile em Palermo e os saguis das florestas brasileiras. Porém, um de seus melhores amigos foi o italiano Guido Lajolo, que veio morar no Brasil nos anos 1930. Desde então, Lampedusa passou a se corresponder regularmente com ele e o atualizava a respeito dos avanços do que seria a sua obra-prima. Lajolo e Lampedusa lutaram na Primeira Guerra Mundial e foram mantidos prisioneiros no campo de Szombathely, na Hungria. De lá, Lampedusa fugiu a pé e chegou na Itália em uma jornada que merecia ser contada.

Autor de poucos livros, era considerado uma espécie de *one hit wonder* da literatura. Lampedusa, porém, escreveu outras obras e, pelo menos, um conto igualmente extraordinário, “O senador e a sereia”, além de artigos e ensaios. Em “O senador e a sereia”, ele narra a história de um senador siciliano aposentado, Rosario La Ciura, que, estudando à beira-mar para o concurso da cátedra de Cultura Helenística, encontrou uma sereia nas águas próximas à sua casa. Com beleza encantadora e voz hipnotizante, a sereia, chamada Lighea, seduz La Ciura e os dois começam um relacionamento apaixonado e mágico. No final, o conto deixa uma reflexão sobre os desejos humanos, a busca pela liberdade e a dualidade entre a vida mundana e a transcendência, em uma atmosfera que mistura o realismo e o fantástico, característica marcante da obra de Lampedusa. Felizmente, tanto *O leopardo* quanto o conto estão disponíveis em português.

Imaginemos, por um delírio, que Lampedusa viesse a Brasília nos dias de hoje. Certamente entristecido com a tragédia no Rio Grande do Sul, que abriga milhares de descendentes italianos, caminharia, incógnito, pelas ruas da capital federal. Talvez olhasse com estranheza a embaixada italiana, que mais parece uma estação moderna cujo trem nunca chegou, tal qual a ponte que – um dia, quem sabe – ligaria a Sicília ao continente. Uma alegoria do futuro que nunca se realiza. Tanto aqui quanto lá. Observando a política nacional, Lampedusa veria que o presidente Lula, em seu cansado terceiro mandato, já é olhado pelo meio político com o afeto irônico que os jovens dedicam

Mudar para continuar do
jeito que está também faz
parte de nosso enredo.

A ponto de a nossa
capacidade de conciliação
e reconciliação na política
nacional ser admirável

aos mais velhos. E visto por aqueles que torcem e, efetivamente, distorcem a realidade, com afeto complacente. Na opacidade institucional do planalto central, ninguém, ao certo, sabe identificar quem são os Dons Quixotes e os Sanchos Panças do enredo.

Nova Sicília

Ainda em Brasília, Lampedusa observa também que muitos que comandam a política nacional possuem na testa rugas sinistras de homens maus. São homens honrados, no sentido siciliano, e, com ironia, o escritor diria: “Se é que vocês me entendem...” Tal situação, além da expansão organizada do crime pela política, resultaria em uma situação familiar para ele: Brasília seria uma espécie de Nova Sicília dos trópicos onde o crime organizado pode chegar aos poderes da União de forma semelhante ao que ocorreu na Itália e ocorre em países vizinhos? O crime está em constante evolução, pois a mudança é uma

constante. No entanto, o Brasil muda lentamente, assim como a Sicília.

Sem surpresa, o escritor também observaria, na prática, que a frase dita por seu personagem Tancredi – “tudo tem que mudar para continuar do jeito que está” – estaria em pleno uso no Brasil desde muito antes da redemocratização.

De fato, o país, como disse o jurista Manoel Gonçalves Ferreira Filho certa vez, tem na crise um estado de normalidade, enquanto a ausência de crises, por consequência, seria uma anormalidade. O Brasil é um país que possui surtos de normalidade e largos períodos de anormalidade. O que é tão atual quanto bizantino. Assim, mudar para continuar do jeito que está também faz parte de nosso enredo. A ponto de a nossa capacidade de conciliação e reconciliação na política nacional ser admirável.

Para conciliar a realidade com a crise permanente, aqui se aplicaria o conceito de Lampedusa. Não fosse esse conceito e o Brasil viveria em guerras civis. Tal qual a Itália, o Brasil vive uma longa luta fria – que ainda não terminou – por sua unificação.

Na Itália, o Risorgimento ocorreu entre 1815 e 1870, para unificar o país. No Brasil, a luta da unificação começou com a Independência, que não passou de um arranjo inaugural. Mas também os demais momentos críticos no país – a Proclamação da República; a Revolução de 1930; a democratização de 1945; o movimento de 1964; a redemocratização em 1986 – não passaram de arranjos onde muitos mudaram de lado apenas para não mudarem de *status*. Sendo a mudança uma regra de mudar sem mudar muito, o Brasil vive em uma realidade movediça em câmera lenta.

Lampedusa observou o conflito existente no longo Risorgimento tupiniquim entre um presidencialismo “monárquico” decadente e a ascensão de um semiparlamentarismo sem responsabilidades e sem voto de desconfiança. Uma espécie de “festa da uva”, em que o patrimonialismo, o clientelismo e o corporativismo prevalecem. De passagem pela Trattoria Da Rosario, o melhor restaurante italiano do Centro-Oeste do Brasil, Lampedusa se sentaria à mesa incógnito, como um espírito translúcido, e sentiria o aroma das iguarias da cozinha napolitana. Ali veria algumas figuras típicas da Nova Sicília, como senhores com sobrepeso, como o politicamente correto exige ao se identificar os gordos suarentos de Nelson Rodrigues, de gravatas curtas e camisas estufadas. À noite, no Cozze, outro portento da cozinha mediterrânea em Brasília, veria a elite local e federal entre risos e conversas animadas pelos bons negócios. Tal qual na Sicília de *O leopardo*, a descrição se tornou um mito.

Brasília é uma cidade de círculos, como na *Divina comédia* de Dante. Cada círculo do Inferno e do Purgatório abriga pecadores com intensidades e periculosidades variadas. Curioso, Lampedusa quis associar os círculos de Dante aos círculos de Brasília. E rapidamente identificou pagãos virtuosos, lascivos, gulosos, gananciosos, irados, heréticos, preguiçosos, omissos e violentos, entre outros. Notou com perspicácia a similaridade entre as almas torturadas nos círculos do Inferno e do Purgatório de Dante e os indivíduos que transitam pelos corredores do poder em Brasília, alguns trazendo consigo uma sombra de pecado, refletindo as

Os preguiçosos e omissos são aqueles que, apesar de suas posições de poder, falham em tomar decisões importantes ou em agir no melhor interesse do público

fraquezas humanas que Dante tão vividamente descreveu.

Os gulosos seriam aqueles cuja voracidade pelo poder e pelo dinheiro não conhece limites. Além disso, os irados e heréticos podem ser vistos nas frequentes disputas políticas radicalmente polarizadas e nas traições ideológicas, onde a lealdade é um bem escasso e a ira muitas vezes toma o lugar do diálogo construtivo. Os preguiçosos e omissos são aqueles que, apesar de suas posições de poder, falham em tomar decisões importantes ou em agir no melhor interesse do público, deixando o país à mercê de crises. Essa visão crítica de Lampedusa destaca a corrupção e a autossuficiência que permeiam a política, sugerindo que, assim como no Inferno de Dante, a redenção e a justiça em Brasília parecem estar distantes, presas em um ciclo interminável de pecados e punições. Que, no entanto, são amenizadas porque os políticos, assim como os nobres da Itália do Risorgimento, vivem em um

universo criado por eles próprios e não diretamente por Deus.

Finalmente observou que a Nova Sicília tropical, tal qual a Sicília italiana, vive em estado permanente de excesso de passado, a preencher os espaços do presente e a obscurecer a visão do futuro. Com um especial apreço a agendas completamente ultrapassadas, e ainda com desafios não resolvidos que perduram há décadas, como a questão da segurança pública e a da desigualdade. Lampedusa constatou também que a Nova Sicília é um país do futuro, um futuro que nunca chega, tal como na Sicília italiana, cujos problemas prosseguem – desemprego, corrupção, ineficiência, crime organizado – assim como a espera eterna pela ponte que ligaria ao continente que nunca é construída.

Encerrando sua curta e etérea jornada pela capital federal, Lampedusa verificou que, em Brasília, não existe apenas o fascínio pelo poder, que, como disse certa vez Ulysses Guimarães, é afrodisíaco. Lá o fascínio também existe pelo dinheiro. E percebeu que, no sistema de semi-presidencialismo de coalizão, as patifarias são pagas com patifarias e as coalizões são construídas a partir de sólidas fundações terrenas de poder e de verbas, e não a partir de elucubrações ideológicas e programáticas. E, como disse os Racionais Mcs “só quem é de lá sabe o que acontece/ninguém confia em ninguém, é melhor assim/eu nem na minha sombra, e nem ela em mim”. 

*Murillo de Aragão escreve a
cada bimestre.*